



Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v10i.2p1-7

Editorial

VISUALIDADES DAS CENAS

Editorial

Heloísa Helena Pacheco de Sousa

Maria Celina Gil Reis Boeira

Mateus Fávero

Tainá Macêdo Vasconcelos

ATRAVESSAMENTOS DO OLHAR

A palavra **visualidades** significa "qualidade daquilo que é visual". Em alguns dicionários, é possível encontrar sinônimos como "vista" ou "miragem". Mas, e na cena? Frequentemente, o conjunto de elementos que compõem uma encenação, para além da dramaturgia, das sonoridades e da atuação, é chamado de visualidades. Assim, a cenografia, o traje de cena, a iluminação e a caracterização tendem a ser lidos como esse grande campo. Na prática, porém, essa definição pode ser menos óbvia.

Ao longo de uma grande parte de sua história, o teatro do ocidente privilegiou o texto escrito. Esse privilégio influenciou na maneira como o teatro foi representado ao longo do tempo. Paralelo a esse fenômeno, estava a ideia de que os elementos visuais funcionam como uma reprodução daquilo que se identifica no texto. Ainda que o teatro tenha se modificado com o passar do tempo, uma característica se manteve por um longo período: a peça já estava planejada nesse texto escrito. O modo como seria representada – gestos, tons de fala e outros – e sua ambientação como luz, cenografia e figurino, já estavam dados no texto. Esse procedimento fez com que, ao menos no teatro do ocidente, as visualidades fossem vistas como subordinadas à parte escrita.

De acordo com Dort (2010), “somente por volta de 1820 se começa a falar em encenação na acepção que hoje conferimos ao literário tendo em vista sua representação teatral: a encenação de um romance, por exemplo, era a adaptação cênica deste romance” (p.83-84)¹. A partir desse período, surgem diversas correntes estéticas que propuseram a construção de **narrativas visuais**. O caráter funcional da iluminação, cenografia, trajes e caracterização se flexibiliza. Se inicialmente houve uma primazia de ilustrar o texto, mantendo a coerência histórica-temporal e a verossimilhança, na cena contemporânea, as visualidades adquirem maior autonomia artística e criativa.

¹ DORT, Bernard. O teatro e sua realidade. Tradução de Fernando Peixoto. 2aed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

A partir da compreensão de que há um campo grande de pesquisa a ser explorado quando o assunto é “visualidades da cena” que nasceu a edição 10.2 da Revista *Aspas*. Nesta edição, apresentamos artigos de pesquisadoras e pesquisadores de todo o Brasil, unidos por um mesmo fio: o desejo de colaborar com a construção de um olhar sensível e profundo sobre as narrativas visuais da cena, histórica e contemporaneamente.

A seção especial abre essa edição com autores e autoras convidadas que discutem aspectos visuais das artes cênicas através de conceitos como inclusão, tradução, gênero e cultura popular. Em **Visualidade e Audiodescrição: A cena teatral sob o ponto de vista da deficiência visual**, o diretor de teatro e professor associado do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Jefferson Fernandes Alves, discorre sobre o caráter tradutório da audiodescrição relacionado à compreensão dos aspectos visuais do espetáculo teatral por parte de pessoas portadoras de deficiência visual. A partir de uma experiência (ainda em curso) com o espetáculo “Abrazo”, do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare de Natal (RN), o autor encontra na contação de histórias uma alternativa para reconfigurar o roteiro de audiodescrição de maneira que se aproxime mais do espectador, sem exageros descritivos, e com isso amplia a dimensão perceptiva da plateia pelo ouvir.

No campo da iluminação cênica, as mulheres profissionais no Brasil ganharam destaque por meio de diferentes ações e projetos nos últimos anos. A iluminação foi, por muito tempo, um campo de trabalho prioritariamente masculino, sendo marcado por desigualdades de gênero que revelam ações e discursos opressores e limitantes. Diante desse contexto e da emergente desconstrução desse paradigma, as iluminadoras Nadia Moroz Luciani, docente e pesquisadora da Universidade Estadual do Paraná, juntamente com Gabriela Valcanaia e Milena Sugiyama, ambas graduadas em Artes Cênicas pela Universidade Estadual do Paraná, escrevem o artigo **Questões de Gênero: Desvelando a desigualdade no mercado de trabalho da iluminação cênica no Brasil**, utilizando relatos de diferentes profissionais mulheres em todo o país.

Encerrando a seção especial, Graziela Ribeiro Baena, figurinista, maquiadora e pesquisadora doutora pela Universidade Federal do Pará, reflete sobre a influência que a indumentária da cultura popular exerce sobre o figurino teatral. Em **Esse corpo que me veste: O traje de cena como disparador de uma pesquisa acadêmica**, a autora analisa o modo de produção do adereço de cabeça da festividade de culto a São Benedito de Bragança, no Pará, e como esse chapéu reaparece no espetáculo "Esse Corpo Que Me Veste", dirigido por Wlad Lima na cidade de Belém (PA).

A seção de artigos dá continuidade a essa discussão em **Da artesanaria à apoteose: O Traje e a movimentação das componentes da ala das baianas de Carnaval**, de Maria Eduarda Andreazzi Borges, mestranda em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, e também componente da ala das baianas da escola de samba Sociedade Rosas de Ouro da cidade de São Paulo e integrante dos grupos de pesquisa Fayola Odara e Núcleo de Pesquisa de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia. Ao longo dos anos, os trajes das baianas mudaram assim como o Carnaval, ambos assumiram novas proporções, seja do ponto de vista da produção artesanal das fantasias para os primeiros desfiles executada pelos próprios participantes, até a espetacularização atual e o fortalecimento de ateliês especializados dentro de cada escola de samba. Tais transformações são produtos do processo cultural da sociedade e de novas tecnologias.

Contribuindo com as discussões sobre visualidades na cena contemporânea, temos o artigo **Performance, imagem e drama na cena de Christiane Jatahy**, de autoria de João Bernardo Fernandes Caldeira, diretor, professor e doutorando em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo. Nesse texto, o autor analisa as proposições cênicas da encenadora carioca Christiane Jatahy e seus hibridismos e trânsitos entre o teatro e o cinema, destacando tanto a trajetória da artista quanto seus procedimentos de criação.

Ainda citando artistas contemporâneos, o pesquisador Guilherme Meletti Yazbek, diretor, ator e professor do Núcleo Experimental de Artes Cênicas do SESI e mestrando em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo, escreve o artigo **As Máquinas do Mundo de Laura Vinci e a tradução no processo de criação**. Considerando o hibridismo entre linguagens, próprio

da cena contemporânea, como citado também no artigo anterior, o autor discorre sobre a obra cênica “Máquinas do Mundo” da Mundana Companhia (SP) a partir da obra visual de mesmo título da artista Laura Vinci. É justamente a transposição de uma linguagem para outra, assim como seus atravessamentos que se tornam a discussão deste artigo.

Trazendo como referência o encenador britânico Peter Brook em sua consistente trajetória no teatro, o professor e coordenador da Pós-Graduação em Cenografia e Figurino no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, Sérgio Ricardo Lessa Ortiz aborda no artigo **Quando a estética realista se torna simbólica: O Jardim das Cerejeiras de Peter Brook (1981)**, uma análise dos elementos visuais que compõem a montagem em questão, considerando a influência da estética simbólica na composição cenográfica.

Na sequência, o texto: **O teatro e a gambiarra: Aspectos contemporâneos** aborda a relação entre a gambiarra e a composição de visualidades no teatro, a partir das experiências criativas do grupo mineiro Quatroloscinco Teatro do Comum, do qual faz parte Assis Benevuto, ator, dramaturgo, diretor, doutorando na Universidade Federal de Minas Gerais e também autor desse texto. A gambiarra como conceito de elaboração artística atravessa não apenas o grupo teatral citado, mas muitos outros que precisam recorrer a diferentes estratégias de composição diante de contextos onde a limitação material, financeira e estrutural imperam. Esses quatro últimos artigos publicados nesta edição da Revista Aspas colaboram significativamente com as discussões sobre processos criativos e procedimentos de grupos, encenadores e encenadoras que valorizam o aspecto visual em suas obras.

Para além da cenografia, figurinos e iluminação já citados nos textos anteriores, outros aspectos visuais são também temas relevantes de discussão nas pesquisas brasileiras sobre a visualidade na cena. Neste sentido, apresentamos o artigo **Caracterização cênica: Análise da formação e de processos criativos de maquiadores profissionais que trabalham com as artes cênicas e de grupos teatrais que têm a maquiagem como elemento visual constitutivo**, escrito por Mona Magalhães, maquiadora e professora doutora associada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O

texto traz a perspectiva da maquiagem cênica para esta edição e junto com os dois artigos posteriores a esse, introduzem também a discussão sobre a formação desses profissionais no Brasil. O artigo parte dos relatos reunidos durante o Encontro de Caracterização da Quarentena, realizado em 2020, e que abrange profissionais de diferentes regiões do país para identificar aspectos dessa formação que possam ser repensados e potencializados para trazer mais campo de pesquisa e atuação na área.

Na seção “De Fora do Teatro”, Carolina Bassi de Moura, pesquisadora e professora adjunta do Bacharelado em Cenografia e Indumentária da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, traz o artigo **A formação de diretores de arte no Brasil**. Ainda na discussão sobre a formação desses profissionais, a autora aborda tanto as definições sobre como atua um diretor ou diretora de arte no audiovisual, como destaca as lacunas dessas formações que implicam em certas problemáticas nos processos técnicos-criativos. Apesar de trazer a perspectiva do cinema, onde a função do diretor ou diretora de arte tem mais adesão, já conhecemos montagens teatrais que têm considerado esta função em sua ficha técnica.

E na seção “Desenho de Pesquisa” temos o artigo **Algumas interseções metodológicas no desenvolvimento do traje cênico**, onde o designer de moda e figurino, atuante no Ceará, Isac Sobrinho, faz uma revisão de diferentes abordagens metodológicas para a criação do traje de cena e nos apresenta um texto de relevância para discussão em espaços de formação do figurinista e de outros/outras artistas da cena.

Fechando esta edição sobre visualidades da cena, a seção “Forma Livre” presta uma homenagem a Marcelo Denny (1969-2020), diretor teatral, cenógrafo, professor, artista plástico, performer, pesquisador, curador e diretor de arte, com mestrado e doutorado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), onde lecionou por 18 anos. Nada mais justo que esta homenagem aconteça nesta edição e seção, já que Denny inaugurava constantemente novas formas artísticas e visuais, além de defender a liberdade de pensamento, de pesquisa e de criação. Quatro textos foram escritos especialmente para esta ocasião, por pessoas companheiras de Marcelo Denny - companheiras de cena, de

pesquisa e de vida. Compõem esta constelação de forma livre: **Arquiteturas do corpo e intervenção urbana: notas sobre a contribuição de Marcelo Denny**, texto organizado e orientado pelo artista, pesquisador e professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Marcos Bulhões Martins em parceria com outros artistas e pesquisadores convidados a relatar suas percepções sobre as vivências e obras do nosso homenageado; **Cartas para Marcelo Denny**, de Marcelo dos Santos Prudente, artista multimídia, arte-educador e mestrando em Artes Cênicas na Universidade de São Paulo; **Marcelo Denny É**, de Marcelo D'Avilla, artista, encenador, performer e diretor do Teatro da PombaGira e **Canteiro de Obras**, de Priscilla Toscano, performer, atriz, dançarina, arte educadora e diretora no Desvio Coletivo.

São esses textos que compõem esta edição da Revista Aspas e apresentam pesquisas recentes e importantes sobre as visualidades da cena, contribuindo com as discussões crescentes e emergentes na área, além de preencher uma lacuna sobre esta temática ao longo das publicações já feitas por esse periódico. Longe de ser apenas uma discussão técnica, sem desmerecer as complexidades pertinentes às técnicas necessárias para as composições visuais em cena; esta edição mostra como as pesquisas nessa área são transversais e relacionam conceitos e contextos para além de uma identificação simplista pelo olhar. As visualidades da cena são espaços de elaboração, conceituação, experimentação, política e atravessamentos; além de um dos campos que mais produz tensões quando pensamos em cena contemporânea. Dessa forma, a Revista Aspas valoriza os pesquisadores, pesquisadoras e artistas desta área e colabora com a divulgação de suas questões e investigações.